

Após a retórica, concessões

O Brasil e os Estados Unidos se digladiaram retoricamente na reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial ontem. Mas os dois lados fizeram suficientes concessões mútuas para saírem ambos proclamando vitória. Depois de o ministro da Fazenda declarar que a estratégia usada pelos credores para resolver o problema da dívida fracassou, o secretário do Tesouro afirmou que essa estratégia é a única viável. Mas bastou que Baker incluísse a conversão da dívida em títulos como uma das opções dos pacotes a serem assinados no futuro entre devedores e credores para que Bresser terminasse por aplaudi-lo.

Num discurso em nome dos países latino-americanos, Bresser reclamou da falta de ajustamento nas economias dos países industrializados, da redução no fluxo de empréstimos externos e da queda nos preços das exportações das nações em desenvolvimento. "Não é de surpreender que um número cada vez maior de países da região tenha tido que limitar ou suspender provisoriamente pagamentos da dívida", disse ele.

Ele afirmou que o serviço da dívida está ficando incompatível com os ajustamentos necessários para resolver a própria dívida. Bresser explicou que a maior parte da dívida é do setor público. Por causa disso, o governo precisa tirar divisas do setor exportador para paagar a dívida. Isso implica aumentar o déficit público.

O ministro da Fazenda também disse que para conseguir superávits comerciais os países da região desvalorizaram suas moedas e estão competindo de forma predatória, o que baixa suas receitas de exportação. As desvalorizações, segundo ele, aumentam o déficit público e a inflação. Com a aplicação da estratégia atual da dívida, os países devedores passaram a sofrer de estagnação e inflação. Embora os bancos tivessem diminuído seus empréstimos, com o tempo percebeu-se que a capacidade de pagamento das nações da região diminuiu. Por causa disso, as ações dos bancos caíram e o valor de suas carteiras de empréstimos aos grandes devedores também perdeu o valor. (R.G.)